

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. **História da educação**. São Paulo: Ática, 1997. 249 p.

REALE, Giovani; ANTESERI, Dario. **História da filosofia**. 4. ed., São Paulo: Paulus, 1990.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio ou da educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992. 680 p.



CONCLUSÃO

Ao concluir este trabalho, foi possível compreender as idéias educacionais de Rousseau contidas em sua obra “Emílio ou da Educação”, onde ele traça seus objetivos de trabalhar a alteridade na educação fazendo com que a criança se desenvolva um adulto bom.

A partir de Rousseau, a criança adquire um novo significado. A educação não deve visar, como em sua época, reprimir e disciplinar as tendências naturais da criança, mas valorizar sua expressão e desenvolvimento. Conduzindo a criança a aprender e a manifestar sua liberdade é o verdadeiro propósito da educação.

Uma educação para o homem, que recupere sua bondade natural, este educar não é levar o filho ou o educando para algo já escolhido anteriormente, mas buscar oferecer condições para que ele manifeste sua liberdade, encontrando e constituindo seu caminho. O princípio essencial da pedagogia de Rousseau é o da atividade, onde a aprendizagem é dada através da própria experiência, é capaz de construir seu próprio conhecimento a partir de sua vivência e das propostas colocadas pelo seu mestre. A idéia central de seu pensamento educacional é da educação negativa entendida como o contrário da educação que visa controlar, dirigir, moldar ou forçar a criança a todo momento.

Sua influência na educação foi muito importante e envolvem contribuições que repercutiram em toda a educação posterior uma educação natural, onde o aluno não deve ter limite no ensino, por isso não deve entregar o conteúdo pronto, deve-se orientar e deixar que ele busque o conhecimento voltado para a realidade, ou seja, para a natureza.

O processo educacional do Emílio visava ao crescimento natural do homem, sem os vícios da civilização. Sendo um processo educativo que deve acompanhar todas as fases do crescimento como infância, a adolescência e a mocidade, sendo uma educação permanente, variando de acordo com as fases do desenvolvimento e amadurecimento que deve durar toda a vida.

É igualmente importante continuar discutindo e tentando realizar propostas que visam melhorar a nossa educação, como o próprio Rousseau buscou formular no contexto da sua época.

baseados na união de simpatia e experiência emocional. Modificando-se todo caráter de sua educação. O estudo mais adequado para o homem é o de suas relações.

Enquanto não conhece senão sua existência física, o estudo se restringe às suas relações com as coisas; este é o emprego da infância. Quando começa a sentir a sua existência moral, deve então, inquirir sobre as suas relações com a humanidade; porque esta é a ocupação própria de toda sua existência, a partir do período que alcançarmos agora.

O amor-próprio, no qual estão latentes o bem e o mal, deve visar agora, irrevogavelmente, ao bem. A base de tudo isto é a vida afetiva. Esta formação deve ser assegurada, nos primeiros períodos, pelo cultivo de sua modéstia natural por meio da educação negativa. E assim agora – não pelo preceito, mas pelo contato com os homens, pelo exemplo de seu preceptor e pelo estudo da história – seria dado o devido desenvolvimento a essas tendências. Que não aprendem nos livros aquilo que possa ser ensinado pela experiência. Rousseau estava longe de pregar a doutrina perigosa de que se deve aprender a evitar o mal pela experiência de suas conseqüências. Não há conhecimento ético que não possa ser adquirido pela experiência de outros ou pela nossa própria experiência. Quando a experiência é sem conseqüência deve-se deixar o jovem exposto a ela.

Assim, ensina-se a Emílio não só a evitar o mal, como a praticar o bem. Especialmente o pobre e o oprimido devem merecer sua simpatia e seu auxílio. *“Esse espírito de paz é um efeito de sua educação”* (ROUSSEAU, 1992, p. 333).

Emílio recebe a sua educação religiosa aos quinze anos, não sabia que tinha uma alma, e talvez aos dezoito anos não seja ainda tempo para informá-lo disto; porque se aprender demasiado cedo, corre o risco de não saber nunca. Pois isto contém o princípio básico de seus ensinamentos no que diz respeito à educação religiosa. Porque, de outra sorte, as idéias religiosas que a criança obtém serão meras formas, imitações verbais, sem valor no que se refere à experiência real.

Evitemos anunciar a verdade aos que não estão em condições de ouvi-la, pois isso equivale a querer substituí-la pelo erro. Seria preferível não ter nenhuma idéia da Divindade a só ter a respeito idéias baixas, fantásticas, injuriosas e indignas dela; é um mal menor desconheçê-lo do que ultrajá-lo (ROUSSEAU, 1992, p. 345).

moral. Através da educação moral é que o jovem começa a sentir que a sua existência moral deve, então indagar, questionar sobre as relações com a humanidade, porque esta é a ocupação própria de toda sua existência. Segundo Rousseau (1992), antes mesmo da vocação dos pais, a natureza o convida para a vida. Viver é o trabalho que a natureza quer ensinar, pois o verdadeiro estado é o da condição humana. Naturalmente, os jovens são todos iguais, a sua vocação comum é o estado de homens e, qualquer indivíduo que seja bem educado para isso não pode exercer de maneira ruim esse estado. Pouco importa qual destino o jovem tenha, seja para igreja, advocacia.

Dai ao homem um ofício que convenha ao seu sexo e ao jovem um ofício que convenha à sua idade; toda profissão sedentária e caseira, que efemina e amolece o corpo não lhe agrada nem lhe convém. Nunca um jovem rapaz aspirou a ser alfaiate; é preciso ter arte para levar a esse ofício de mulheres o sexo para o qual ele não foi feito (ROUSSEAU 1992, p. 256).

A concepção de homem para Rousseau não opera com a noção de gênero, mas com a idéia de indivíduo, um ser naturalmente isolado único. O importante é instruir o jovem por meio de ações e não com discursos, as ações e os exemplos falam mais do que as palavras, pois todos os preceitos da retórica não se afiguram, senão um puro palavratório, sem alcançar o objetivo de persuadir e de tornar-se útil, a partir da prática e da experiência os resultados da aprendizagem, tornam-se mais marcantes e visíveis.

O ser humano muda de gosto com o passar dos anos e não desbloqueia as idades como não devemos deslocar as estações, é preciso ser si mesmo em todos os tempos, e não lutar contra a natureza, esses esforços usam a vida e nos impedem de usá-la.

Rousseau foi o primeiro a chamar atenção para a importância transcendental do período da adolescência na educação. Neste estágio finda o curso ordinário da educação; mas rigorosamente falando, aí é que se vai começar. Até então Emílio não fora levado, salvo indiretamente, a ter contato com outros; não fora obrigado a adaptar-se à conduta e aos interesses de outros, não conheceu outros motivos que não os do interesse e da curiosidade própria. Provavelmente, nunca ouviu o nome de Deus. Agora sua educação deve ser estritamente moral e religiosa. Seus afetos pessoais e anteriores têm sido meros resultados no convívio habitual; agora são

assim, ele não se sente mais um ser isolado, sua primeira paixão faz com que fermentem as outras.

O amor que devemos ter com os outros, deve tomar a força motora, o desenvolvimento emocional e a perfeição moral. Nesta fase, o jovem deve dedicar-se ao estudo e as suas relações com os outros. O professor com sua capacidade, deve cuidar de afastar do aluno as más paixões, crueldade, inveja, egoísmo.

Para Rousseau, esta fase tinha fundamental importância, em que o homem torna-se plenamente apto a termos sexuais, onde o sexo é atraído pelo outro. Assim o movimento da natureza, onde a escolha, as preferências, o apego pessoal são obras das luzes, dos preconceitos, do hábito.

Assim que o homem precisa de uma companheira, ele já não é um ser isolado, seu coração já não está sozinho. Todas as suas relações com sua espécie, todas as afeições de sua alma nascem com esta. Sua primeira paixão logo faz fermentar as outras (*Ibidem*, p. 276).

O jovem com mais de vinte anos já está formado, forte, dotado de razão, de bondade, bons costumes, já é capaz de amar e fazer o bem, não tendo medo de carecer de ajuda, em nenhuma circunstância.

Queremos obter a preferência que damos; o amor deve ser recíproco. Para ser amado, é preciso tornar-se amável; para ser preferido, é preciso tornar-se mais amável do que os outros, mais amável do que qualquer outro, pelo menos aos olhos do objeto amado (*ROUSSEAU*, 1992, p. 276).

Para Rousseau (*Ibidem*, p. 259), a puberdade, o sexo, é visto como fator mais importante da vida do jovem, com isso surge a vida social do jovem. O amor aos semelhantes deve tornar-se a força motora principal, o desenvolvimento emocional e a perfeição moral, o objetivo.

Rousseau diz que para viver na sociedade é preciso saber tratar as pessoas; é preciso conhecer os instrumentos que têm influência sobre eles, é necessário saber do interesse particular na sociedade civil e prever os acontecimentos que raramente nos engana em nossos empreendimentos. Portanto, é nessa fase que aparece o homem completo, o homem que não se contenta em existir, mas que quer viver. Aqui se inicia a formação do homem

Mocidade

Para o filósofo, a mocidade começa a partir dos 15 anos e termina aos 20 anos. Em geral o homem nasce para permanecer sempre na infância. Essa fase é prescrita pela natureza, e nesse momento embora curto, mas ocorre crise, influências demoradas. Uma mudança de humor que se altera, juntam-se modificações sensíveis no aspecto. "*Sua voz muda, ou antes, ele a perde, não é nem criança nem homem e não pode pegar o tom de nenhum dos dois*" (Ibidem, p. 272).

Para Rousseau, o homem nasce por duas vezes: uma para a existência animal, outra para a vida humana. No primeiro nascimento a espécie nos reproduz; no segundo nascimento, somos capazes de reproduzir a espécie. E é neste segundo nascimento que o homem nasce verdadeiramente para a vida e nada que existe de humano é estranho. Esta fase é que termina a educação comum, é necessário o jovem iniciar, para expor a nova fase, deve analisar o estado das coisas que a ele se referem.

Já é da natureza do homem ter paixão, e a principal fonte da paixão é o amor a si mesmo, a única que nasce com o homem e acompanha durante a sua vida, essa paixão primitiva que o homem tem antes de qualquer outra paixão.

É o período em que se educa o coração, para a vida em comum e as relações sociais. O amor a si mesmo é aquele que só diz respeito a nós mesmos, mas o amor próprio é oposto, nunca está satisfeito e não poderia estar, porque o sentimento que nos referimos aos outros, é necessário que os outros também nos defiram, o que é impossível.

É a fase em que o indivíduo ainda não é nem criança e nem homem, sempre um jovem cheio de força, há uma força de espírito, mas nota-se ainda uma santa inocência em suas ações.

E o segundo nascimento de que falei; é aqui que o homem nasce verdadeiramente para a vida e que nada de humano lhe é alheio. Até agora nossas preocupações foram brinquedos de criança; só agora assumem uma verdadeira importância (ROUSSEAU, 1992, p. 272).

Segundo Rousseau (Ibidem, p. 235), é da natureza um sexo ser atraído pelo outro, por isso o jovem necessita de uma companheira, sendo

Rousseau afirma (1992), que o adolescente devia fazer, sem a ajuda dos outros, aquilo que ele é capaz de fazer por si mesmo, o período até os 12 anos é a época em que nascem os vícios, os carinhos exagerados provocam vícios.

O importante não é ensinar a partir de métodos abstratos que transmitam poucas idéias, mas sim o contato direto com o material que é necessário para o seu estudo.

Para Rousseau, é importante deixar ele criar situações de confronto com o novo, procurando oportunidades para que o aluno possa explorar a realidade que o rodeia.

Precisa-se ter cuidado para que não ocorra oposição e nem desejos de superação que a relação com o outro e com o novo ocorra de forma objetiva e participativa. Para Rousseau a adolescência não é a idade da vingança nem do ódio, é a da clemência, da generosidade.

Já que precisamos absolutamente de livros, existe um que oferece, a meu ver, o melhor tratado de educação natural. Será o primeiro livro que Emílio lerá; sozinho, constituirá por bastante tempo sua biblioteca inteira, e nela sempre ocupará um lugar de destaque (ROUSSEAU, 1992, p. 233).

Robinson Crusoé, um estudo da vida de acordo com a natureza, é o principal livro recomendado. É preciso distinguir claramente o conhecimento da verdade, e a utilidade deve ser distinguida de ambos. Entre outras coisas,, Emílio aprendeu um ofício, menos com o fim de conhecer o ofício do que para combater os preconceitos que os rebaixam. Na sua longa discussão da importância das atividades manuais e industriais na educação, Rousseau acentua muitas das vantagens sociais; sem entretanto, incluir, de modo algum, as vantagens psicológicas que são acentuadas no presente. No fim deste período, Emílio é trabalhador, sóbrio, paciente, firme e corajoso. Possui poucos conhecimentos, mas o que possui é realmente seu; nada sai pela metade.

Tudo bem considerado, o ofício que eu preferia que fosse do gosto de meu aluno é o de marceneiro. É limpo, é útil, pode ser feito em casa; cansa suficientemente o corpo; exige do trabalhador habilidade e inteligência, e a elegância e o gosto não estão excluídos da forma das obras que a utilidade determina (ROUSSEAU, 1992, p. 258).

“Procurai ensinar à criança tudo o que é útil para sua idade e vereis que todo o seu tempo estará ocupado” (ROUSSEAU, 1992, p. 222).

Através de demonstrações práticas o aluno aprenderá a raciocinar ao invés do professor se precipitar e raciocinar no lugar dele, sua memória e suas capacidades intelectuais serão exercitadas. Uma longa experiência o ensina a tirar proveito de si mesmo, proporcionando-lhe o verdadeiro estudo que é necessitado no momento presente. Segundo o filósofo, não adianta falar palavras bonitas, sem que sejam entendidas, é importante falar de maneira simples, mas que a criança entenda. Nesta fase, é preciso que o adolescente desenvolva uma educação intelectual, a atenção do jovem para as ciências, da física à geometria e a astronomia, através de um contato direto com as coisas da natureza, com o objetivo de conseguir regularizar e, portanto, a necessidade da natureza.

Exercitar os sentidos não quer dizer somente usá-los, mas aprender a julgar bem através deles, ou seja, por assim dizer, aprender a sentir, porque não sabemos tocar, nem ver, nem ouvir senão no modo pelo qual aprendemos (ROUSSEAU, 1992, p. 774).

Por isso, é importante educar a criança para desenvolver livremente a necessidade de mover-se, de brincar e de tomar posse de seu corpo.

A educação começa pelo desenvolvimento das sensações, dos sentimentos, pois antes da idade da razão existe uma razão sensitiva. Por isso é importante não impedir os instintos, os sentidos, as emoções, os sentimentos que são anteriores ao seu pensamento elaborado.

Rousseau mostra que o verdadeiro trabalho educacional consiste em estimular o desenvolvimento dos sentimentos positivos e verdadeiros. Mas assim o processo educacional não deve enfatizar tão somente a transmissão racional dos conhecimentos, mas ter como objetivo primordial o desenvolvimento psicológico e a evolução madura dos sentimentos, pois essa fase essencial, tudo o torna mais desprovido de autêntico significado e valor.

Nesta fase o adolescente torna-se consciente de si mesmo, é o momento da vida em que o racional desperta sendo um ser isolado ele não desfruta ainda da vida moral.

nenhuma necessidade imaginária o atormenta, quer que toda opinião seja aceita. Mas este é o único momento de sua vida em que isso acontece, nesta fase o adolescente deve participar de forma ativa das atividades educacionais.

Com essa idade mudam as características e as potencialidades da criança conseqüentemente, a ação do governante também deve mudar, conservando sempre o princípio e o básico: praticar uma educação que leve a criança a ter autonomia que se defina pela liberdade. Este é o começo da idade da força – do sentimento vivido elétrico da força apaixonada.

Esse é o tempo mais precioso que o adolescente tem, por isso deve empregá-lo bem, porque esse tempo só ocorre uma vez em sua vida. Durante esse período o adolescente aprende fazendo, desenvolvendo sua criatividade e poder de reflexão. Estabelecendo-se um programa de ensino para essa fase, com o objetivo de não fornecer conhecimentos prontos ao aluno, mas ensiná-lo a maneira de como adquirir de acordo com suas necessidades.

Para Rousseau (1992), durante a primeira idade, o tempo era longo; procura apenas perdê-lo, temendo empregá-lo mal. Agora acontece exatamente o contrário, e não se tem suficiente para fazer tudo o que seria útil. Esse é o tempo mais suntuoso que o adolescente tem, por isso deve empregá-lo bem. A inteligência humana tem seus limites. Nunca um homem pode dizer que sabe tudo, há, portanto uma escolha nas coisas que devemos ensinar, bem como no momento em que devem ser apreendidas. Dos conhecimentos que podem ser alcançados uns são falsos, outros úteis. Não se trata de saber tudo o que existe, mas o que é verdadeiramente útil.

“Conservai os olhos abertos e, se acontecer algo, abandonai tudo antes que ele se aborreça, pois não faça nada contra a vontade” (Ibidem, p. 212).

É o período no qual os instintos e as paixões, confrontando-se com as leis da realidade, com resistência das coisas, com os limites que elas nos estabelecem e, ao mesmo tempo, com os pontos de apoio que elas nos oferecem, devem se dobrar progressivamente. A força das coisas, a dura necessidade da realidade, constitui o banco de prova da educação.

ouvindo e principalmente comparando a vista ao tato, estimando pelo olhar a sensação que provocariam em seus dedos (ROUSSEAU, 1992, p. 49).

Através do próprio movimento que ela adquire a idéia da extensão. A criança não tem essa idéia, que estende indiferentemente a mão para apanhar o objeto que está perto ou longe dela.

Rousseau vê um meio de conservar a inocência das crianças, é que todos devem respeitá-las e amá-las. Elas fazem perguntas embaraçosas que ocorrem naturalmente às crianças e as respostas certamente são indiscretas. Para compreender a infância o homem precisa olhar a vida com simplicidade. Enquanto o mundo físico é harmonioso, o mundo humano é egoísta e cheio de conflitos. Os males sociais e a educação oferecida aos jovens são responsáveis por esses conflitos.

Adolescência

Segundo Rousseau (1992), a adolescência começa a partir dos 12 anos e termina aos 15 anos. Ele denominou essa fase a idade da razão, o que seria para ele a idade da força ou energia vital, ocorrendo um desequilíbrio entre o desenvolvimento das forças e as necessidades da criança, fase em que surge o julgamento racional. Neste período, a criança se desenvolve mais rápido que suas necessidades.

Parece ser o único momento da vida de uma criança onde ela não somente pode bastar-se a si mesma, como tem ainda força do que precisa. Para manter o princípio da liberdade bem regrada, os limites passam a ser impostos pelo critério da utilidade.

Esse intervalo em que o indivíduo pode mais do que deseja, embora não seja um período de sua maior absoluta, é como já disse, o de sua maior força relativa. É o tempo mais precioso da vida, tempo que só aparece uma vez; tempo muito curto e, por ser tão curto, é importante que seja bem empregado (ROUSSEAU, 1992, p. 202).

O adolescente enfrenta as coisas sem dificuldade, se sente sono é capaz de dormir até no chão, vê por toda parte tudo que é necessário e

A natureza quer que as crianças sejam crianças antes de serem homens. A infância tem certos modos de ver, de pensar e de sentir inteiramente especiais: nada é mais tolo do que querer substituí-los pelos nossos (ROUSSEAU, *apud. REALE; ANTISERI, 1990, p. 774*).

O maior mal que causam as crianças é fazer com que elas falem antes da idade, isso não quer dizer que as primeiras palavras que elas dizem e as primeiras que nos falam não tenham para elas nenhum sentido, mas que tenham um sentido diferente do nosso, mas sem perceber.

Para Rousseau, nesta fase, a criança tem mais palavra que idéia, elas conseguem falar mais coisas do que podem pensar, nesta fase elas aprendem a falar seu nome, dos seus pais e sua idade. Na infância suas necessidades não são todas desenvolvidas, suas forças, no momento atual são mais do que suficientes para provê-las. Na infância, elas são representadas com maior freqüência, mas nem sempre são caracterizadas por algo além de seu tamanho.

Segundo Rousseau, uma criança não deve conhecer outros superiores que não sejam os pais, ou seja, se acontecer deles faltarem.

Observei que as crianças raramente têm medo do trovão, a menos que sejam tremendos e firam realmente o ouvido; a não ser assim esse receio só lhes vem quando aprendem que o trovão fere e mata às vezes. Quando a razão começar a assustá-la, fazei com que o hábito as tranquilize. Com uma gradação lenta e cuidadosa tornam-se intrépidos o homem e a criança (ROUSSEAU, 1992, p. 48).

Sabendo que no início da vida, memória e imaginação são inatas, a criança só é capaz de prestar atenção às coisas que afetam seus sentidos no momento, e que suas sensações são o principal material de seus conhecimentos, oferecendo ordem conveniente para compor a memória e fornecer um dia na mesma ordem conforme entendimento. É importante mostrar bem distintamente a ligação dessas sensações com os objetos que as provocam.

Ela quer meter a mão em tudo manejar: não contrarieis essa inquietação; ela lhe sugere um aprendizado muito necessário. Assim é que ela aprende a sentir o calor, o frio, a dureza, a moleza, o peso, a leveza dos corpos, a julgar seu tamanho, de sua forma e de todas as suas qualidades sensíveis, a olhando, apalpando,

A melhor maneira, sustenta Rousseau, não é pela aprendizagem livresca nem a instrução passiva.

O bom educador deve, antes, criar ocasiões em que, a partir das exigências de uma situação prática, alguma lição mais ampla possa ser aprendida ou aplicada: *“Exercitai seu corpo, seus órgãos, seus sentidos e suas forças, mas conservai sua alma no ócio tanto tempo possível”* (ROUSSEAU, 1992, p. 92).

Durante essa fase a educação terá um longo treino dos sentidos obtidos com o contato direto com a natureza. Através desta vivência ela vai conseguir pensar, contar, medir, comprar, ou seja, construirá suas regras e conceitos próprios, descobrindo novos princípios necessários de boa convivência com o mundo em que vive.

Essa nossa falta de atenção com o verdadeiro sentido que as palavras têm para as crianças parece me ser a causa de seus primeiros erros: e tais erros, mesmo depois de se corrigirem, influem em seu espírito durante a vida toda (*Ibidem*, p. 57).

Rousseau foi o primeiro a ver claramente a diferença entre a mente da criança e a do adulto e também a entender que as crianças tinham a maneira de ver, sentir, de ter idéias próprias, desejos, mas do jeito delas, de acordo com o seu desenvolvimento sem ter nada a ver com os adultos. Antes do pensamento dele, a criança era apenas um homem pequeno, em estado temporário, que devia desaparecer o quanto antes.

Para Rousseau (1992, p. 32) *“a criança era considerada um pequeno adulto em miniatura, a ser tratada por padres adultos, aprendendo coisas de adultos”*.

Na infância, a criança sempre é alertada sobre a importância do amor que devemos ter com o próximo, e a única lição de moral que convém é de não fazer mal a ninguém.

As primeiras sensações das crianças são puramente afetivas, não percebem senão o prazer e a dor, não podendo nem andar, nem pegar. Precisam de muito tempo para formar pouco a pouco as suas sensações representativas que lhe mostram os objetos fora de si mesmos.

obediência, dominação e subserviência são os termos com os quais os seres humanos se relacionam mutuamente, e de que o mundo é submetido a um controle arbitrário de seus desejos particulares. Segundo: a criança não deve ser fisicamente constrangida por ameaças ou exigências, pois ela verá nisto apenas tentativas para contrariá-la, provocando ressentimento e induzindo-a para a combatividade, evasão e ao fingimento; deve ser dada a ela liberdade para viver, respirar, sentir livremente a sua própria energia e descobrindo por si mesma, dando-lhe, através de um mundo material, o alcance e os limites de seus poderes. Gradualmente, adquirirá experiência em primeira mão de como funciona o mundo, e aprenderá como ele pode ser usado vantajosamente, trabalhando com ele, em vez de tentar submetê-lo ao seu comando. O primeiro ambiente previsível, ordenado, insiste Jean-Jacques Rousseau, ajudará o progresso da criança neste rumo, acalmando seus temores, sobretudo sua convicção de que o mundo está decidido a contrariá-la.

Lembrai-vos de que, antes de ousar empreender a formação de um homem, é preciso ter-se feito um homem; é preciso ter em si o exemplo de que se deve propor. Enquanto a criança ainda não tem conhecimento, temos o tempo de preparar tudo o que a rodeia para só impressionar seus primeiros olhares com objetos que lhes convém ver (*ROUSSEAU, 1992, p. 93*).

Na fase de cinco a doze anos, a criança deve agir livre, sendo despertada por seus modos, sua criatividade e se desenvolvendo pelo livre exercício de suas intenções infantis em sua evolução natural. Inicia-se, então, um período que existe alguma energia mental livre, por assim dizer, não dedicada exclusivamente à resolução de questões práticas. E a educação deve consistir em não determinar algo que contrarie as inclinações naturais da criança. Durante essa fase, a educação deve ser negativa que representa a ausência de todo e qualquer procedimento tradicional de ensino, e a educação moral deve ser consequência natural da criança. Não convém forçar ou modelar o espírito da criança através de imposição de idéias que ela não é capaz de entender. Para a natureza não é necessário ensinar a criança a ler, não se deve transmitir a ela conhecimentos e sim treinar os seus sentidos através de contato íntimo com forças e fenômenos da natureza.

As fases do desenvolvimento da criança para a educação em Rousseau

Rousseau mostra as etapas previstas para a educação de Emílio:

Infância

Para Rousseau (1992), nascemos sensíveis e desde o momento em que nascemos somos molestados, educados de diversas maneiras.

A primeira infância vai do nascimento aos cinco anos e é a fase em que mais se precisa de acompanhamentos, cuidados e ensinamentos.

Na primeira infância, a criança é submetida a várias restrições como o aperto de roupa, a falta de liberdade, que atrapalham seus movimentos, a punição de atos antes que ela consiga entender o erro e o motivo da punição. Permitir a ela obedecer ao impulso interior de agir e experimentar diretamente os resultados de seu comportamento:

"Observai a natureza e segue a rota que ela vos traça. Ela exercita continuamente as crianças, enrijece seu temperamento com provas de toda espécie e cedo lhe ensina o que é sofrimento e dor" (ROUSSEAU, 1992, p. 22).

Ela deve agir espontaneamente sendo guiada pelos seus gostos e só depois desta fase é que ensinam outras coisas.

O período inicial é o crescimento do corpo, o desenvolvimento das atividades motoras e da percepção sensorial, o desabrochar dos sentimentos. É necessário que a educação respeite o crescimento natural da criança, pois não é um adulto, não é certo estudar disciplina de adulto, línguas como acontecia.

Uma das características principais da criança, neste período, é sua extrema fraqueza e vulnerabilidade. Ela nasce frágil, num mundo que não a compreende, dependente para todas as necessidades; sua própria sobrevivência depende da ajuda daqueles que a rodeiam. Duas coisas são extremamente essenciais nesta fase, na opinião de Rousseau. Primeiro: o tratamento apropriado das vontades de uma criança, isto é, de suas tentativas de controle imperioso, que na verdade é o avesso da sua impotência e medo; ela deve ser preservada da crença de que ordem e

CAPÍTULO II

Rousseau, no contexto de sua época, formulou princípios educacionais que permanecem até nossos dias, principalmente quando afirmava que a verdadeira finalidade da educação era ensinar a criança a viver e a aprender a exercer a liberdade. Para ele, a criança não é educada para Deus, nem para a vida em sociedade, mas sim para si mesma, podemos afirmar que as idéias de Rousseau influenciaram diferentes correntes pedagógicas, principalmente as tendências não diretivas no século XX.

Percebe-se que para ele não é significativo oferecer conhecimentos prontos ao educando para memorizá-los, mas o educador deve mediar o pensamento, o respeito à individualidade do aluno para que ele por si mesmo os descubra.

Rousseau contrapõe-se frontalmente às idéias predominantes na época sobre a natureza humana. Segundo essas idéias, a natureza humana seria essencialmente má, já que o homem nasce com o pecado original, e caberia à educação, principalmente a religiosa, destruir a natureza original e substituí-la por outra modelada pela sociedade.

A primeira frase de "Emílio" formula o princípio básico do pensamento de Rousseau: "*Tudo é bom ao sair das mãos do autor da natureza; mas tudo degenera nas mãos do homem*" (PILETTI; PILETTI, 1997, p. 90).

Toda a educação deveria seguir o livre desenvolvimento da própria natureza da criança, de suas inclinações naturais. Por isso mesmo, a primeira educação, então, seria puramente negativa. Consistiria não em ensinar os princípios da virtude ou da verdade, mas em proteger o coração contra o vício e o espírito contra o erro. A educação negativa é a que tende a aperfeiçoar os órgãos do corpo, a que exercita os sentidos, que são o caminho para a razão. A criança ainda não está em condições de compreender a verdade, de reconhecer e amar a bondade. Por isso deve apenas ser preparada para tanto através da educação negativa, que é a proteção contra o vício e o erro, que é o aperfeiçoamento dos órgãos e o exercício adequado dos sentidos.

mas uma dependência das coisas (ao contrário à dependência da vontade dos adultos).

Segundo Rousseau (1992), a criança nada deve obter porque pede, mas porque precisa, nem fazer nada por obediência, mas por necessidade. Sua máxima fundamental é: Enquanto a criança não atingiu a idade da razão, sua liberdade deve ser orientada pela força e não pela autoridade. Para ele, a felicidade e o bem-estar são direitos naturais de todas as pessoas e não privilégios especiais de uma classe, como ocorria sob o absolutismo. A organização social e a educação existem para garantir esses direitos.

certos ou errados, porque ainda não é capaz de medir as conseqüências que eles podem causar, pois seus sentimentos e suas idéias não possuem discernimento suficiente para diferenciar o conceito de bem ou mal.

Rousseau foi quem entendeu a maneira da criança ver, sentir, de ter idéias próprias, desejos, mas do jeito delas, de acordo com o seu desenvolvimento, sem ter nada a ver com os adultos. Não se deve forçar ou modelar o espírito da criança através da imposição de idéias que ela não entende.

Pouco importa se a criança não sabe nada, desde que não engane, ensine a verdade apenas para aprender, porque se nunca errasse nunca aprenderia nada. Para Rousseau, não se educa a criança nem para Deus, nem para a vida em sociedade, mas sim para si mesma.

“Repito, a educação do homem começa com o nascimento; antes de falar, antes de ouvir, ele já se instrui” (ROUSSEAU, 1992, p. 45).

Portanto, durante a aprendizagem, o ensaio e o erro eram, para Rousseau, um procedimento que precisava ser visto com naturalidade.

Estas idéias colaboraram para combater a severidade dos professores da época, que reagiam ao erro do aluno como quem condena uma situação criminosa, merecedora de enérgicas punições. O pequeno número das coisas que contribuem realmente para o nosso bem-estar é o único digno da atenção de um homem sábio, e por conseguinte, de uma criança que desejamos tornar virtuosa. Não se trata de saber tudo o que existe, mas o que é verdadeiramente útil. É este o princípio fundamental de toda boa educação.

O único que faz a sua vontade é aquele que não precisa para tanto colocar o braço de outrem na ponta de seus. Segue-se daí que o primeiro de todo o bem não é a autoridade, mas a liberdade. O homem verdadeiramente livre só quer o que pode e faz o que lhe agrada (*ibidem*, p. 76).

Para o filósofo, a criança deve ser educada sobretudo em liberdade e viver cada fase da infância na plenitude de seus sentidos, mesmo porque, segundo seu entendimento, até os doze anos, o ser humano é praticamente só de sentidos, emoções e corpo físico, enquanto a razão ainda se forma. Liberdade não significa a realização de seus impulsos e desejos,

captados para uma relação genuína para com as pessoas, um respeito nascendo do amor próprio e não do orgulho para este fim ressalta a necessidade de deixar a natureza seguir seu curso, uma vez que ela exercita continuamente as crianças, enrijece o seu temperamento e lhes ensina.

“Nascemos fracos, precisamos de força; nascemos carentes de tudo, precisamos de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo” (ROUSSEAU, 1992, p. 8).

A aprendizagem deve se desenvolver durante toda a vida de maneira agradável, racional, equilibrada e útil, oferecendo a cada dia atividades naturais para corresponder ao interesse infantil.

Os métodos artificiais e altamente elaborados, as matérias que eram as mesmas dos adultos e exigiam da criança o uso excessivo da memória se tornam inúteis se não despertarem a curiosidade do educando.

Tornai vosso aluno atento aos fenômenos da natureza. muito breve o tornareis curioso. Mas, para alimentar sua curiosidade, não vos apresseis nunca em satisfazê-la. Colocai questões ao seu alcance e deixai que ele as resolva. Que nada ele saiba porque lho dissestes, mas porque ele próprio compreendeu; não aprenda ele a ciência, mas a invente. Se alguma vez substituídes em seu espírito a razão pela autoridade, ele não raciocinará mais e não será mais do que o joguete da opinião dos outros (*Ibidem*, p. 206).

É necessária uma educação criativa, atuante com regras práticas e dinâmicas, com o intuito de ensinar a partir da experiência adquirida com a vida e de um contato direto com a natureza. A natureza abrange tanto os instintos naturais, as emoções primitivas, as primeiras impressões dos indivíduos, quanto tudo o que não é humano, como os animais, as plantas, os fenômenos e os elementos físicos com os quais deve ser feita a educação.

A educação é inata, ou seja, um processo natural e não artificial, e deve acontecer através das forças da natureza. É necessário que a educação respeite o crescimento natural da criança; não é certo forçar a criança a aprender tarefas de adulto, sabendo-se que ela ainda não está a fase de aprender.

Nem tudo que a criança faz ou diz, vai ter o mesmo significado para o adulto, a criança, muitas vezes, faz ou repete atos sem saber se são

“A educação começa junto com a vida, desde o nascimento: a educação primeira deve, portanto, ser puramente negativa. Ela consiste, não em preservar o coração do vício e do espírito do erro” (ROUSSEAU, 1992, p. 91). Não se deve entender por essa educação negativa, que Rousseau defendia a ausência completa de educação. O processo educativo limita-se àquilo que não deve ser feito para aperfeiçoar os órgãos do corpo, exercitar os sentidos e assim preparar o caminho para a razão. Desse modo, protegendo a criança dos vícios, preconceitos, erros, verdades inculcadas pela sociedade que a levam a se distanciar do natural que lhe era própria ao nascer, dará condições de compreender a verdade, adquirir a capacidade de conhecer e amar a bondade.

Rousseau considerava cada fase da vida como tendo características próprias, tanto o homem como a sociedade se modificam, e a educação é elemento fundamental para a necessária adaptação a essas modificações. Se cada fase da vida tem suas características próprias, a educação inicial, não poderia mais ser considerada uma preparação para a vida, da maneira que era concebida pelos educadores à época. Afirmando sempre que a educação não vem de fora, é a expressão livre da criança no seu contato com a natureza. Ao contrário da rígida disciplina e excessivo uso da memória vigente, então, propôs serem trabalhadas com a criança: o brinquedo, o esporte, agricultura e uso de instrumentos de variados ofícios, linguagem, canto, aritmética e geometria. Através dessas atividades a criança estaria medindo, contando, pensando; portanto, estariam sendo desenvolvidas atividades relacionadas à vida e aos seus interesses.

Um dos aspectos da educação natural está em não aceitar uma educação intelectualizada, levando ao ensino formal ou livresco. Existem antes do pensamento elaborado; estas dimensões primitivas são para ele, mais dignas de confiança do que os hábitos de pensamento que foram forjados pela sociedade e impostos ao indivíduo.

A criança Emílio deve ser criada em um meio rural, em vez de um ambiente urbano, para que deste modo ela possa desenvolver em conformidade com a natureza, mas em oposição a questões sociais. Os primeiros impulsos da criança são permitidos a desenvolver, mas são

natural da edificação de um homem e evitar que seus esforços sejam contrariados; assim, a educação começa junto com a vida desde o nascimento; tendo o objetivo de conservar a forma original da criança, evidenciando basicamente o desempenho das funções de pai e mãe. Para ele, tudo que não temos quando nascemos é que precisamos quando estivermos adultos, e é através da educação que nos é dada.

Portanto, Rousseau (1992, p. 47) é contra a formação de hábitos na educação: “*O único hábito que se deve deixar a criança adquirir é o de não contrair nenhum*” buscando a espontaneidade original da criança e não levá-la a agir por imposição de regras exteriores e artificiais. Valorizando a experiência, o ensinar voltado para a vida, a ação estimulada pela curiosidade.

A criança em sua expressão livre de contato com a natureza fará com que a educação seja um desenvolvimento natural, de dentro para fora.

Rousseau trouxe novas idéias para combater aquelas que prevaleciam há muito tempo em sua época, principalmente a de que a educação da criança deveria ser voltada aos interesses do adulto e da vida adulta.

A nossa maneira de educar é sempre a de ensinar, enquanto as crianças poderiam aprender bem melhor sozinhas usando a sua própria sabedoria. Rousseau ensina que deve tratar a criança de acordo com a idade e que antes de tudo deve-se colocar no seu lugar e permanecer de maneira que não possa sair dela. Ao passo que tornar a criança paciente, calma, mesmo quando não tiver alcançado o objetivo que precisa, isso já vem da natureza do homem, aceitar com paciência a necessidade das coisas e não com má vontade. Introduzindo então a concepção de que a criança era um ser com características próprias em suas idéias e interesses, e desse modo não mais podia ser vista como um adulto em miniatura.

Com suas idéias, ele derrubou as concepções vigentes que pregavam ser a educação o processo pelo qual a criança passa a adquirir conhecimentos, atitudes e hábitos armazenados pela civilização, sem transformações.

CAPÍTULO I

A EDUCAÇÃO IDEAL SEGUNDO JEAN-JACQUES ROUSSEAU

As principais idéias educacionais de Rousseau encontram-se em sua obra “Emílio ou da educação”, na qual descreve a educação de um jovem órfão afastado da sociedade corruptora, retirado da influência dos pais e das escolas e acompanhado por um preceptor ideal que o educa em contato com a natureza e segundo os padrões da mesma. Para Rousseau, a educação não é somente uma herança que vem passando de uns para outros e sim um processo contínuo, que dura toda a vida. Por isso não deve forçar a criança a aprender coisas que não têm condições, ou seja, que não estejam de acordo com a naturalidade, pois ela terá o processo de desenvolvimento que será transformado numa vida agradável, equilibrada e natural.

“Tudo é certo em saindo das mãos do autor das coisas, tudo degenera nas mãos do homem” (ROUSSEAU, 1992, p. 7).

Por isso, a crença na bondade natural do homem e a civilização como responsável pela origem do mal levam à educação ter como objetivos o desenvolvimento das potencialidades naturais da criança e seu afastamento dos males sociais. Não significa retornar a uma vida selvagem, primitiva, isolada, mas sim afastada dos costumes da aristocracia da época, da vida artificial que girava em torno das convenções sociais. A educação deveria levar o homem a agir por interesses naturais e não por imposição de regras exteriores e artificiais, pois só assim o homem poderia ser o dono de si próprio. E se o desenvolvimento adequado é estimulado, a bondade natural do indivíduo pode ser protegida da influência corruptora da sociedade, longe das tradições sem sentido da escola e na completa ignorância da infância; mas no conhecimento da verdadeira natureza do homem.

Rousseau preocupa-se em criar e elaborar uma proposta destacando com grande interesse a importância de uma educação natural e ao mesmo tempo renovar, orientando o ser humano, baseando-se na liberdade.

Ao nascer, a criança já é discípula da natureza, cabendo ao preceptor a tarefa de estudar com o primeiro mestre (natureza) o caminho

para a enciclopédia. Suas idéias e concepções acabaram por exercer grande influência ideológica nos movimentos que levaram à Revolução Francesa de 1789.

Suas principais obras foram: Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens; Emílio, em que desenvolve as suas concepções sobre os princípios básicos da educação do indivíduo; Contrato Social, desenvolve uma concepção de liberdade e igualdade para a formação da sociedade em prol do bem comum; Confissões, uma reflexão sobre sua vida.

O ponto de partida de sua filosofia é uma concepção de natureza humana representada pela idéia segundo a qual "o homem nasce bom, a sociedade o corrompe". A ela se acrescenta a concepção de que o homem nasce livre e por toda parte se encontra acorrentado. Partindo dessas reflexões, buscou formular uma idéia de sociedade em que os homens seriam livres e iguais, na qual prevaleceria a justiça e o povo teria em suas mãos a soberania das decisões políticas. Esses ideais foram incorporados e perseguidos por muitos dos líderes da Revolução Francesa, principalmente Robespierre.

BIOGRAFIA

Jean-Jacques Rousseau nasceu em Genebra, na Suíça em 28 de junho de 1712. Filho de Isaac Rousseau, relojoeiro de profissão, que se casou com Suzanne Bernard. Rousseau tinha um irmão François, que era mais velho sete anos e ainda jovem abandonou a família. A mãe de Rousseau viera a falecer poucos dias após seu nascimento. Foi criado na infância por uma irmã de seu pai e uma ama. Num certo momento, perdeu também o pai porque este, no ano de 1722, desentendendo-se com um cidadão de certa influência, ferindo-o no rosto num encontro de rua. Este incidente obrigou seu pai a deixar Genebra para não ser injustamente preso.

Junto a seu irmão, ficou com o tio Gabriel Bernard, engenheiro militar que era irmão de sua mãe e casado com a irmã de seu pai.

Rousseau foi um dos mais considerados pensadores do século XVIII. Sua obra inspirou reformas na política, na moral e na educação. Rousseau não teve educação regular, senão por certos períodos e não frequentou nenhuma universidade. Era um autodidata. Ainda na casa paterna leu muito; lia para seu pai enquanto este trabalhava em casa, os livros deixados por sua mãe e pelo pastor, seu avô materno. Juntamente a estas leituras, acrescentarão muitas outras, especialmente livros de história.

Sob tutela de seu tio, foi enviado para Bossey, a fim de estudar com o pastor Lambercier. Aprendiz de gravador. Rousseau deixou Genebra em 1728 e, depois de uma breve experiência como camareiro junto a uma família de Turim, encontrou refúgio em Les Charmettes, nas proximidades de Chambéry, junto à madame de Warens, que lhe foi mãe, amiga e amante.

De 1728 a 1742, vagueia e trabalha pelo sul da França, pelo norte da Itália, pela Suíça, lendo muito, ensinando música, vivendo de vários empregos, ao sabor das circunstâncias e de seus amores.

Em 1741 se instala em Paris, onde estabelece amizade com o filósofo Condillac e com Diderot que lhe encomendou artigos sobre música

INTRODUÇÃO

Pretendo com este trabalho analisar a formação da educação em Rousseau através de sua obra "Emílio ou da Educação", onde Rousseau retrata o desenvolvimento natural da educação da criança, baseando-se na crença da bondade natural do homem e atribuindo à civilização a responsabilidade pela origem do mal.

A educação para Rousseau deve estimular o desenvolvimento das potencialidades naturais da criança e seu afastamento dos males sociais. Propõe a educação de acordo com a natureza das diversas fases do desenvolvimento através de situações capazes de fazer produzir as capacidades naturais, para aperfeiçoar os órgãos que conduzem ao conhecimento.

Até então, os objetivos educacionais eram a formação para Deus ou para a vida em sociedade. Entretanto, a educação (desde a infância até a idade adulta) é considerada um processo natural, não artificial. Ele buscava a formação do homem em sua totalidade, através do desenvolvimento interno e natural.

A educação nunca mais foi a mesma depois de Rousseau. Além de contribuir para a tendência científica e sociológica da educação, foi o precursor do movimento da Escola Nova, que coloca o aluno como centro e sujeito do processo educacional.

Diante de um mundo marcado por transformações sociais, políticas e econômicas que atingem uma rapidez nunca antes experimentada, exige-se do homem contemporâneo preparação adequada para o presente e o futuro, buscando técnicas mais eficazes de aprendizagem.

Depois de tudo isto surge a oportunidade para repensar sobre suas idéias e propor questionamentos dos desafios relativos à educação, buscando contribuir na reflexão para melhorias do processo educacional.

SUMÁRIO

Introdução.....	6
Biografia.....	7
Capítulo I	
A educação ideal segundo Jean-Jacques Rousseau.....	9
Capítulo II.....	15
As fases do desenvolvimento da criança para a educação em Rousseau.....	16
Adolescência.....	20
Mocidade.....	24
Conclusão.....	28
Referências bibliográficas.....	29

AGRADECIMENTOS

“O homem que vence na vida é aquele que vive bem, sorri muitas vezes e ama muito; que conquista o respeito dos homens e o amor das crianças, que preenche um lugar e cumpre uma missão; que deixa o mundo melhor do que o encontrou; que procura melhor nos outros e dá o melhor de si; que tem o compromisso de buscar e defender sua qualidade de vida em tudo que faz e em todos os lugares onde esteja; que se propõe a crescer sempre muito, de todos os modos possíveis, de todos os jeitos sonhados, até que a vida o considere apto para continuar sua caminhada na eternidade.”

(autor desconhecido)

Tudo o que sou e conquistei devo a Ti, o Ser superior que me deu o maior de todos os dons: a vida.

Obrigada!

MENSAGEM À FAMÍLIA

A todos que compartilharam de meus anseios e desejos, sonhos e realidades, que me deram estímulos para que pudesse continuar nas horas de desânimo. Que toleraram minha ausência em momentos importantes. Que se fizeram presentes ao planejarmos o futuro. Que comemoram hoje minha conquista como se fosse sua e emprestam à minha vitória um sentido, o meu verdadeiro agradecimento.

**FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Data: 08 de junho de 2005

Hora: 21:30 h

Local: Sala do 7º Período de Filosofia

Acadêmico(a): LÍLIA VALÉRIA GUERRA SILVA


Tema: Emílio ou Da Educação em Jean-Jaques Rousseau

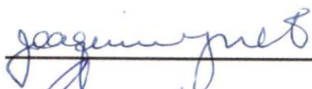
Componentes da Banca:


Orientador(a): José Geraldo Trindade

Joaquim José Neto

Rogério Vieira Jacinto

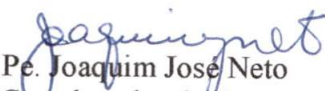






Nota: 9,8

Rubiataba, 08 de junho de 2005


Pe. Joaquim José Neto
Coordenador do Curso

Lília Valéria Guerra Silva



A EDUCAÇÃO IDEAL, SEGUNDO JEAN-JACQUES ROUSSEAU

Dissertação Filosófica apresentada como exigência para conclusão do curso de Filosofia da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, sob a orientação do professor José Geraldo.

30704
500vi

Tombo nº	10564
Classif.:
Ex.:	1
.....
.....
Origem:	d
Data:	15-09-05

Rubiataba-GO
2005

Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER

Lília Valéria Guerra Silva

A EDUCAÇÃO IDEAL, SEGUNDO JEAN-JACQUES ROUSSEAU

Rubiataba-GO

2005